

FICHA TÉCNICA

Título original: *Fazendo meu Filme — Fani em busca do final feliz*

Autora: *Paula Pimenta*

Copyright © 2012 Editora Gutenberg

Versão portuguesa © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Adaptação do texto à versão portuguesa: *Teresa Rebelo da Silva*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2015

Depósito legal n.º 387 316/15

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

www.paulapimenta.com

[Twitter.com/paulapimenta](https://twitter.com/paulapimenta)

Edição para venda apenas em Portugal

NOTA DA AUTORA

Para escrever a série «A Minha Vida É Um Filme», tive de fazer uma viagem especial: no tempo. Usei as minhas memórias para visitar vários lugares mencionados nas páginas destes livros.

Muito do intercâmbio da Fani inspirou-se na época em que eu mesma estava prestes a ser «intercambista», aos 17 anos, na Pensilvânia.

Um pouco mais tarde, vivi em Londres durante um ano e estive em todos os cenários descritos no segundo livro; usei muito da minha própria viagem para ilustrar a dela.

E, para escrever os passos da Fani neste quarto livro, estive na Califórnia, para conhecer cada um dos locais por onde ela passaria, onde viveria, estudaria e nos emocionaria.

Agora é a tua vez de viajar. Aperta o cinto e embarca com a Fani em busca do final feliz!

Agradecimentos:

É difícil terminar uma série literária, pois, durante o período de escrita, o autor apega-se não só às personagens e à história, mas também às pessoas que o acompanharam nesse processo.

Mãe, muito obrigada por ser a minha primeira leitora, a minha conselheira, a minha amiga. E muito obrigada também por não ser como a mãe da Fani! É a melhor mãe de todas, e eu não seria o que sou se não fosse por si.

Pai, o meu maior impulsionador. Espero sempre estar à altura do orgulho que sente de mim. E muito obrigada por continuar a realizar os meus sonhos...

Bruno, mais do que um irmão, o meu melhor amigo, o fiel escudeiro e companheiro musical nas horas vagas. Obrigada por existires e estares tão presente na minha vida.

*Kiko, sabes que todas as páginas deste livro não seriam suficientes para te agradecer por tanto que me ajudaste...
Dizer obrigada é muito pouco.*

Aninha, Cecília e Elisa, mais do que primas, minhas amigas-irmãs! Obrigada por terem lido tudo antes de toda a gente e por me darem os melhores conselhos para cada capítulo!

A toda a minha família, o meu agradecimento especial pelo apoio. Adoro-vos!

Banda No Voice, as minhas histórias ficam mais bonitas com as vossas lindas canções! Espero que continuem a encher de melodia as páginas dos meus futuros livros!

Bia e Roberta, mesmo estando longe, obrigada pelo apoio de sempre, sei que, apesar da distância, vocês estão aí para o que eu precisar!

Aos meus clubes de fãs, vocês nem imaginam como fico feliz com o vosso carinho! Muito obrigada!

Obrigada às minhas leitoras que se tornaram amigas,
especialmente Marcielle, por toda a ajuda; Paola, pelo apoio
nas entrevistas; Carol Christo, Cinthia Egg e Gui Liaga, pelos
conselhos; Ana B. e Marina Diniz, pelas dicas de música e filmes;
Thê, pela ajuda com as citações e pela companhia no cinema.
Além de tantas outras queridas (e queridos!) que me enviam
sugestões, comentários e elogios!

Aos meus queridos leitores que enviaram depoimentos
para a contracapa, obrigada pelas lindas palavras,
elas emocionaram-me muito!

Aos professores que adotam os meus livros nas salas de aula,
nem sei como agradecer! Mas, especialmente, obrigada
por incentivarem nos alunos o gosto pela leitura!

Ian, mais uma vez, obrigada por seres o meu
«senhorio» virtual há tantos anos! Fica à vontade
para me despejares quando quiseres, baby!

A todos os bloguistas, muito,
muito obrigada por toda a divulgação! Vocês nem
imaginam como o vosso apoio é fundamental!

Aos meus queridos amigos do
Grupo Editorial Autêntica.
Nem tenho palavras para agradecer.
Obrigada por tudo. Tudo mesmo.

Nana, Dani, Fafá, Fred, Renata, Mariana,
Marina e todos os meus amigos do tempo de estudante,
obrigada por terem feito da minha adolescência a melhor de
todas, a ponto de inspirar uma série inteira de livros!

E à Fani... Obrigada por teres mudado a minha vida!
Espero que te tenha dado o melhor
final feliz que alguém poderia escrever!

... apenas uma história...
E esta tem um final feliz.
(Para Sempre, Talvez...)

Prólogo

Querido Leo,

Sei que esta vai ser mais uma das muitas cartas que eu te escrevo e que nunca te vou mandar. Mas, de certa forma, mesmo que nunca as leias, estas cartas fazem-me companhia, elas permitem-me lembrar-me de cada pormenor, de cada esquina que percorremos - juntos ou não -, de cada vírgula, de cada ponto final sofrido, de cada exclamação feliz, de cada uma das inúmeras interrogações da nossa história. Estas cartas trazem-te para perto de mim.

Ainda me lembro da primeira vez que te vi. Hoje sei que passei a amar-te desde esse dia. Tive de primeiro percorrer o caminho da amizade para te reconhecer como amor, mas o meu coração já sabia. Ele sabe. E tu vais morar eternamente dentro dele.

Nas minhas memórias, vejo com nitidez tudo o que veio depois daquele primeiro dia... O imenso carinho, as risadas, as descobertas, a paixão. O beijo, a viagem, a tristeza, as saudades, os segredos, o reencontro.

Hoje, ainda me lembro de cada pormenor. Como se tivesse acabado de acontecer. Como se a nossa vida fosse mesmo um filme. Como se fôssemos ser felizes para sempre...

Fani



*Rafiki: O passado pode doer.
Portanto, eu acho que podes
ou fugir dele ou aprender com ele.*

(O Rei Leão)

O despertador tocou pontualmente às oito da manhã. Porém, ao contrário dos outros dias, eu não tive vontade de o atirar à parede. Na verdade, eu já estava acordada há horas, se é que alguma vez adormeci. Não me lembro de ter sonhado.

Entrei na casa de banho e deparei-me com um recado colado no espelho, com uma letra que eu conhecia perfeitamente.

*A Winnie não foi raptada,
nem aprendeu a abrir a porta.
Ela está comigo e já voltamos! Kisses!*

Dirigi-me à cozinha e notei que a porta do quarto da Ana Elisa estava aberta. Vi que ela ainda estava a dormir e resolvi entrar para a acordar, mas parei ao reparar no que ela segurava com tanta firmeza, com o braço meio descaído para fora da cama. Uma foto. Antes de olhar, imaginei logo do que se tratava. Ou melhor, de quem...

– Aninha... – chamei baixinho, para que ela não acordasse sobressaltada. Ela franziu a testa, mas não abriu os olhos. Passei a mão ao de leve pelo braço dela e, com cuidado, tirei-lhe a fotografia. Sim, era ele. Então, ela já sabia como a noite anterior

terminara... Suspirei e sentei-me na borda da cama. – Ana Elisa – chamei um pouco mais alto –, desculpa, mas está na hora. Ontem fizeste-me prometer que te acordava. Se quiseres, podes ficar a dormir que eu vou sozinha...

Ela sentou-se rapidamente e perguntou-me as horas, ao mesmo tempo que pegava no telemóvel que estava em cima da mesa de cabeceira, para confirmar com os seus próprios olhos.

Achei engraçada a sua expressão de desespero e sorri para a tranquilizar. – Calma... ainda são oito horas. Temos muito tempo para lá chegar...

– Mesmo assim, vamos depressa! – disse ela, levantando-se ainda um pouco sonolenta. – Não quero que ela fique à nossa espera nem um minuto.

– Eu ainda vou tomar banho – expliquei, enquanto me deitava na cama que ela tinha acabado de vagar. E, ao ver o estado do cabelo dela, acrescentei: – E acho que tu também devias tomar...

Ela não respondeu, mas entrou na casa de banho, deixando-me sozinha no seu quarto. Suspirei e comecei a lembrar-me de tudo o que se tinha passado desde aquele trágico ano. E, com aquela fotografia na minha mão, tive mais uma vez a certeza de que não tinha sido só para mim que o tempo parecia não ter passado.

Comecei a recordar o dia da minha chegada a Los Angeles, cinco anos antes, sem a menor ideia do que me esperava, sem a menor noção dos meus próximos passos, mas com a certeza de que aquela era a coisa certa a fazer.

Cinco anos! Como tinham passado depressa. Desde o princípio, em nenhum momento me permiti duvidar. Arrependimentos durante esse tempo? Nenhum. Desde a hora da decisão, desde que percebi que *ele* não tinha intenção de me dar outra hipótese, eu soube que não podia continuar a viver ali.

Recordo-me que, nos primeiros dias, a Tracy me perguntou várias vezes se eu tinha mudado de país para me vingar, para não lhe dar oportunidade de me ver triste, para fingir que eu estava muito feliz, bem longe. E, embora eu desse sempre uma resposta

vaga, deixando-a com a falsa ilusão de que era aquilo mesmo, no fundo sabia que ela não podia estar mais enganada.

O motivo da minha mudança de país nada tinha que ver com vingança. Muito menos com o que ele viesse a pensar de mim. Eu quis vir para o outro hemisfério apenas por uma razão: tinha de me afastar. Tinha de estar o mais distante possível. Não apenas dele, mas também das memórias. E eu tinha razão, pois, nas poucas vezes em que estive no Brasil em todos esses anos, não consegui deixar de recordar. Nem deixar de vislumbrar o *Leo* a cada esquina.

Os mínimos pormenores convidavam-me instantaneamente para uma viagem no tempo. Bastava que alguém se referisse ao Rio de Janeiro para eu logo pensar se ele ainda lá estaria a viver. Para ir do aeroporto até casa, eu tinha de passar perto do bairro onde ele vivera e dava sempre por mim a imaginar se os seus pais e os seus irmãos lá estariam. Até uma vez, quando liguei o rádio, ansiosa por matar saudades dos nossos cantores nacionais, fiquei surpreendida com a primeira música que tocou; era uma que eu conhecia muito bem e que tentara a todo o custo apagar da minha memória... O meu irmão explicou-me que a banda No Voice estava a ter um grande sucesso, pois a música «Linda» (precisamente aquela que estava a tocar naquele momento e que um dia já tinha sido nossa) integrara a banda sonora de uma novela. Lembro-me que, depois disso, sempre que estava no Brasil e queria ouvir música, punha a tocar um CD trazido dos Estados Unidos, para não haver o perigo de mais recordações musicais me atormentarem.

Eu ainda estava mergulhada no passado quando ouvi um barulho vindo da porta da entrada. Em seguida, ouvi também o ranger da porta da sala a abrir-se. Dois segundos depois, a *Winnie* entrou a correr e saltou para cima da cama da Ana Elisa, lambendo-me como se não me visse há séculos. Ela era definitivamente a única recordação do passado que não me atormentava.

– Olá, miúda! – Peguei-a ao colo. – Já deste o teu passeio? Perseguiu muitos esquilinhos?

– Ela hoje fez das suas! – disse a Tracy, ao entrar no quarto.
– Estava um rapazinho na rua, andava para ali com um gelado na mão e a tua filha não esteve com meias medidas!

– *Winnie!* – Pu-la no chão. – Roubaste o gelado ao menino?
– Não, ela não *roubou* – explicou a Tracy. – Ela só deu uma lambidela. Mas, obviamente, a mãe do miúdo, que estava por perto, ficou horrorizada e mandou-me tirar aquele *monstro* dali, antes que ele comesse a mão do seu filho!

Eu sorri, a olhar para a minha cadelinha, tão linda, com um lacinho cor-de-rosa na cabeça. Monstro era a última palavra que alguém poderia usar para a descrever.

Voltei a olhar para a Tracy, pensando em como o seu português tinha evoluído tanto durante aquele tempo. Ela falava praticamente sem sotaque e podia passar por brasileira, se não fossem os seus cabelos quase brancos, de tão louros, e os seus enormes olhos azuis. Pensei elogiar a sua pronúncia, pela milésima vez, mas lembrei-me de que ela ficava sempre um pouco impaciente e mandava-me transferir os meus cumprimentos para o Christian, pois, segundo ela, a culpa era toda dele, por nunca a deixar falar com ele em inglês.

– Que olhar perdido é esse agora? – perguntou-me, analisando-me. – Nostalgia antecipada? Estás com pena de deixar a faculdade para trás?

– Não – disse eu, rindo, pois sabia que ela estava a brincar. Eu adorava a faculdade, mas não aguentava ter de esperar mais para exibir tudo o que tinha aprendido. E o momento estava a chegar. – Estava só a pensar em ti. E no Christian – disfarcei. – Viste que saiu novamente uma foto dele no *site Star Entertainment*? As legendas diziam «Christian Ferrari arriving at Suri's birthday»* e estou bem certa de que tu és a loura que aparece ao fundo! Bolas, vou zangar-me convosco, disse ao Christian que queria conhecer a casa nova do Tom, porque é que não me convidaram para ir?

– Tu estavas a filmar, dear. E passámos por lá rapidamente. O Christian tinha uma gravação na manhã seguinte – disse ela, ligando o computador da Ana Elisa, provavelmente para ler a reportagem que eu tinha mencionado. – Onde está a Ana? Na casa do Andrew?

* Christian Ferrari a chegar ao aniversário de Suri.

– Está a tomar banho – disse eu, dirigindo-me ao meu quarto.
– E eu vou fazer o mesmo, não quero testemunhar um homicídio quando ela te encontrar a mexer no computador dela...

– Ih! – Ela desligou rapidamente e seguiu-me. – O que é que aconteceu? Eles discutiram outra vez?

Encolhi os ombros, mostrando que não sabia, mas no fundo eu não tinha dúvidas de que tinha sido exatamente isso. Sempre que ela olhava para as fotografias do Felipe era mau sinal. Eu já tinha visto aquela cena outras vezes. E custava-me pensar que, em todos aqueles anos, ainda não tivesse aparecido outro amor que preenchesse por inteiro o seu coração. E percebia-a, mais uma vez. Perfeitamente...

– Mas, afinal, o que é que vieste fazer aqui? – perguntei à Tracy, já no meu quarto. – É um bocadinho cedo para uma visita matinal. E não me venhas dizer que foi para me fazeres um favor, para levares a *Winnie* a passear, sabes que eu adoro fazê-lo...

– Então! – Ela olhou para mim como se eu fosse louca. – Vou ao aeroporto convosco! Achas que eu ia perder isso? Posso já não viver aqui, mas gosto de pensar que ainda faço parte da *família*... mas, se não pensas o mesmo, aqui está a chave com que eu fiquei...

– Palerma! – Agarrei numa almofada da minha cama e atirei-a para cima dela. Eu sabia que ela estava a brincar. Eu já nem me lembrava de como era a minha vida sem a Tracy. Era como se eu já tivesse nascido com ela ao meu lado. Como se ela tivesse sido sempre uma minha «irmã». E era desse modo que nos apresentávamos às outras pessoas. Por isso, eu tinha ficado muito triste quando ela me contara que se ia mudar para casa do namorado, mas vi-a tão feliz que tentei a todo custo não o demonstrar. Sabia que seria bom para eles, que andavam sempre juntos há anos, mas eu tinha-me habituado à presença constante dela e, por isso, a notícia deixou-me um pouco abalada.

Logo após a sua mudança, senti-me realmente muito sozinha, o apartamento ficou vazio, mas, por sorte, menos de um mês depois, a Ana Elisa ligou-me a dizer que estava a licenciar-se em Relações Internacionais, em Inglaterra, e tinha de fazer um estágio obrigatório de seis meses noutra país. Ela explicou-me que pensara escolher os Estados Unidos, para ficar perto de mim e só faltou eu gritar de alegria ao telefone! Era tudo o que eu precisava!

Nos anos anteriores, apesar de falar constantemente com ela na Internet, tínhamo-nos encontrado apenas uma vez, quando fui com a Tracy a Brighton, passar o feriado de Ação de Graças com a nossa família inglesa. A Ana Elisa estava a estudar em Londres e divertimo-nos bastante durante aquela semana. Mas eu sentia muita falta da convivência, de vê-la com mais frequência. Por isso, a possibilidade da sua vinda pôs-me completamente eufórica. Disse-lhe imediatamente que tinha um quarto vago e ela só teve de organizar o estágio. Menos de um mês depois, ela já estava a viver comigo, no lugar que anteriormente fora da Tracy.

Porém, agora que faltava pouco tempo para ela regressar a Inglaterra, eu não queria nem imaginar que tinha novamente de me separar da Ana Elisa.

– Acho bem ires já tomar banho – disse a Tracy, enquanto se sentava na minha cama, que ainda estava por fazer. – A esta hora, em plena sexta-feira, vamos apanhar muito trânsito!

Eu concordei e fui para a casa de banho. De repente, lembrei-me de uma coisa.

– Tracy, dá de comer à *Winnie*, por favor – pedi, virando-me. – A razão está no lugar de sempre. Ela deve estar com fome. Disseste que ela só deu uma lambidela no gelado do miúdo...

– Sim, senhora! – respondeu, levantando-se.

Voltei para a casa de banho, mas ainda a ouvi dizer no corredor: – *Little Winnie*, tenho um novo truque para te ensinar... Nada de lambidelas no gelado das criancinhas... o truque é abocanhares tudo e desatares a correr, antes que as mães revoltadas percebam o que aconteceu...

Abri imediatamente a água do chuveiro, para não ter de ouvir mais nada. Se havia alguém que não tinha mudado nada naqueles cinco anos, essa pessoa era a Tracy...

Fechei a porta e entrei no banho, ainda a pensar em todo o tempo que se tinha passado. Na semana seguinte, eu já poderia ser considerada uma *cinasta*. Ainda me lembrava de todos os pormenores que me tinham levado até ali. Suspirei e comecei a recordar cada um deles, desde o primeiro dia...



Elliot: Podes ser feliz aqui,
eu cuidarei de ti.

(E.T. - O Extraterrestre.)

1.º ano da faculdade

25 de agosto

A caminho de Los Angeles

Leo,

Estou dentro do avião, já bem perto das nuvens. Sozinha, a olhar para esta imensidão azul, tive vontade de te escrever. Sei que não devia. Sei que devia sentir raiva de ti. Mas não sinto... Magoada, talvez. Triste. Inconformada com o destino. Mas hoje, a caminho da minha nova vida, penso que talvez tenha sido melhor assim. Agora, passado um tempo, começo a perceber com clareza como estávamos a viver. A abrir mão dos nossos sonhos em troca do nosso amor. Este nunca devia ter sido uma substituição. Devíamos ter tentado conciliar os nossos planos. Mas o amor era tão forte que o receio de nos perdermos um ao outro fez com que tomássemos atitudes erradas.

Tu nunca me quiseste ouvir, mas aqui, a escrever esta carta que provavelmente irá parar ao caixote do

(continua)

(continuação)

lixo mais próximo, tenho de te dizer que eu nunca tive a intenção de te esconder nada. Fiquei simplesmente com medo da tua reação. Antes não tivesse ficado. Pelo menos teria tido a oportunidade de me defender.

Leo, estou a voar para cada vez mais longe de ti. Só quero que saibas que eu te desejo tudo de melhor. E que nunca te vou odiar. Porque um amor tão grande como o que eu sentia (sinto?) não se pode transformar em ódio. Espero que ele tenha ficado no ar, para que outras pessoas possam sentir o mesmo que eu senti. Era um amor de sonho. E talvez seja apenas isso que ele devia ter sido desde o início. Parte de um sonho. Porque, assim, eu não precisava de ter acordado...

Fani

– Fani, filhinha! – A voz da minha mãe ecoou tão alto que eu até afastei o telefone do ouvido. Tive vontade de chorar, ao sentir-me tão distante e, simultaneamente, ao perceber que lá tudo permanecia igual. E porque não havia de permanecer? Não se tinham passado nem doze horas. – Graças a Deus ligaste! Como foi a viagem? Apanharam turbulência? Está muito frio aí? Como é o apartamento? Se estiver localizado numa zona má da cidade, muda-te imediatamente para a residência universitária!

– Mãe, só liguei para dizer que correu tudo bem... Ainda estou no aeroporto, acabei de ir buscar as malas. A Tracy vem-me buscar. Mais tarde, conversamos no Skype, está bem? Comprei um cartão telefónico só para dizer que cheguei bem e o crédito já está a acabar. Mande um beijo ao pai. E outro para si... já estou com saudades.

Antes de ela poder responder, a chamada caiu. Suspirei e contive o choro. Conhecia aquela sensação e sabia que ia passar. O primeiro dia longe de casa era o pior.

Eu já tinha tirado a *Winnie* da caixa de transporte onde ela viajara e dirigi-me com ela à saída, tentando, ao mesmo tempo, segurá-la e empurrar o carrinho com as malas. Cheguei à rua e contemplei pela primeira vez o céu da Califórnia. Eu já tinha visitado os Estados Unidos antes, mas nunca aquele estado. Aquelas pessoas que passavam por mim eram bem diferentes dos turistas da Disney. Elas não pareciam estar a passear, como se tivessem todo o tempo do mundo... muito pelo contrário. Eu via homens e mulheres apressados por todo o lado. Parecia que todos eles estavam atrasados ou algo do género e só uns dias depois percebi que os habitantes de Los Angeles *eram* assim. Sem tempo a perder. Pelo menos nas zonas não turísticas.

Eu ainda estava a olhar em redor, quando ouvi uma voz a gritar. Ou melhor, a chamar a Stephanie. Virei-me já a sorrir. Como eu sentira falta da Tracy!

Corri na sua direção e abracei-a. Ficámos um tempo assim, até que ela se afastou, olhou-me de cima a baixo e a primeira coisa que disse foi que eu estava muito *magra*. Comecei a rir e lembrei-me que, da última vez que nos tínhamos encontrado, eu tinha pelo menos catorze quilos a mais. Os onze que eu tinha engordado em Inglaterra e mais três, que perdera nestas últimas semanas... O meu apetite tinha desaparecido *naquela* noite, juntamente com os meus sonhos.

Enquanto guiava até ao apartamento, ela foi-me contando tudo sobre Los Angeles. Eu estava cada vez mais impressionada com as avenidas largas e com o tamanho da cidade. Ela explicou-me que se ia desviar da famosa Hollywood Boulevard e passar por outro lado, pois, em pleno domingo, aquela zona estava cheia de gente. Eu estava desejosa de conhecer depressa o local onde as cerimónias dos Óscares se realizavam – queria caminhar pela Calçada da Fama e ver as marcas das mãos no chão dos meus atores preferidos e tudo o mais que já tinha visto em tantos filmes – mas concordei com ela, por uma simples razão: eu estava *muito* cansada. Praticamente morta. No avião não tinha pregado olho, nem no dia anterior à viagem, por pura ansiedade. Naquele momento o que eu queria mais conhecer

era a minha nova cama. E sabia que, depois, ia ter muito tempo para passear por cada centímetro da cidade.

Porém, logo após uma curva, ela sorriu para mim e apontou para cima: – Look up right there!*

Olhei pela janela para perceber do que estava ela a falar e fiquei quase sem respiração. Toda a minha vida tinha desejado ver aquilo e agora estava tão perto, eu podia contemplá-lo com os meus próprios olhos e não no ecrã da TV! Saquei a máquina da carteira e tirei a minha primeira fotografia em Los Angeles: ao letreiro de Hollywood!

Perguntei se se podia subir lá acima, pois ficava no alto de uma montanha, e ela respondeu que dava para ir mais perto, mas que desde há vários anos era proibido visitar o local, pois as pessoas retiravam bocados do letreiro, para levar como recordação. Achei aquilo um absurdo, mas no fundo eu sabia que teria tido vontade de fazer o mesmo... levar um bocadinho de Hollywood para casa.

Reparei que, aos poucos, a paisagem se ia tornando mais residencial e comecei a ler as placas que indicavam o caminho para a Universal City. Eu já tinha visto na Internet que era lá que ficavam os *sets* de filmagem e o parque de diversões da Universal Studios. Senti um frio na barriga ao comprovar que me encontrava realmente na cidade do cinema!

A Tracy não parava de falar. Ela explicou-me que o nosso apartamento se localizava mais ou menos entre a faculdade dela e a minha e que, além disso, dava para eu ir a pé até ao local onde o Christian pensava que eu conseguiria um estágio. Perguntei-lhe como é que ela sabia isso e ela explicou-me que eles tinham continuado a comunicar por *e-mail* desde que ele lhe escrevera uma primeira vez, a pedir-lhe para me convencer a aceitar a bolsa de estudos. E depois de ela chegar a Los Angeles, eles tinham-se encontrado para ele lhe dar umas dicas sobre a cidade. Segundo ela, foi também o Christian que sugeriu o bairro e o nosso apartamento.

Aquilo deixou-me um pouco receosa. Quando concordei em aceitar a oferta do Christian e abandonar mãe, pai, irmãos,

* Olha para ali!

sobrinhos, amigas e as minhas duas aprovações no vestibular no Brasil, foi totalmente por impulso. Claro que eu queria estudar Cinema em Hollywood. Mas nunca pensei seriamente nas consequências da minha decisão em relação ao próprio Christian... Ele tinha-me dado um presente muito generoso ao entregar-me de bandeja a oportunidade de realizar o meu sonho. Mas e agora? O que é que iria pedir em troca? Eu lembrava-me vagamente de ele ter escrito num *e-mail* que não tinha esperanças de que reatássemos o nosso namoro e que não me tinha conseguido a vaga na faculdade com esse objetivo. Mas, pelos vistos, ele tinha a total intenção de permanecer por perto.

Eu ainda estava a pensar nisto quando o telemóvel da Tracy tocou. Pude então confirmar que tinha razão... Ela pôs o telefone em alta-voz e disse que o *Christian* me queria dar as boas-vindas.

Respirei fundo ao ouvir a voz dele a ecoar pelo carro.

– Fani, princesa! Fizeste boa viagem? O que é que estás a achar da cidade até agora? Está a corresponder às tuas expectativas?

O Christian era o mesmo em qualquer parte do mundo. Respondi que a viagem tinha sido boa e que, do pouco que já vira, estava a gostar muito. Ele disse-me para eu descansar um pouco, pois mais tarde passava no nosso apartamento para ir buscar o seu carro e levar-me a conhecer um pouco da vizinhança.

Então aquele carro chique era... *dele*? A Tracy não me tinha dito que uma amiga lho emprestara? Ou será que fui eu que presumi isso quando ela disse a palavra *friend*?

– Tenho a certeza de que ainda vais gostar mais quando eu te mostrar um lugar... – continuou o Christian, antes de eu poder comentar o que quer que fosse. – Tenho de ir agora, vou ter uma reunião com uns produtores daqui a pouco! Por favor, traduz tudo o que eu disse à Tracy, não acredito que ela tenha vivido contigo durante um ano e não tenha aprendido uma única palavra de português! *Bye, Tracy!* Beijos, Fani!

E, dizendo isto, desligou. Eu virei-me para a Tracy, disposta a dizer que nós *não* íamos criar este hábito de aceitar favores do Christian, pois isso só abria portas para ele se aproximar cada

vez mais, mas, nesse exato momento, ela estacionou em frente a um pequeno prédio de dois andares, numa rua muito agradável, arborizada e com florinhas na calçada. Numa pequena placa, li: Maple Street. Lancei-lhe um olhar interrogativo, mas ela abriu a porta do carro, sorriu e declarou: Welcome home!*

A *Winnie* foi a primeira a sair do carro e começou logo a andar pela relva, a explorar tudo, mas, de repente, começou a correr e eu fiquei desesperada, com medo que ela fosse atropelada! A Tracy riu e disse que ela só tinha visto um esquilo e que ali havia muitos, mas que a rua era extremamente sossegada, que eu não precisava de me preocupar. Ainda assim, peguei nela e a Tracy abriu um portão em frente ao prédio, dizendo que depois me ajudava com as malas. Ela queria entrar depressa, pois estava ansiosa por saber se eu ia gostar.

A portaria dava para um corredor. Percorremo-lo até ao fim e ela parou frente a uma porta com o número «4» em cima, dizendo que aquele era o nosso apartamento. Explicou-me que o Christian (de novo ele!) tinha sugerido que ela e os pais (que, no mês anterior, tinham viajado com ela para Los Angeles para a ajudar a escolher o apartamento e a organizar-se na faculdade) escolhessem um no rés do chão, por causa da *Winnie*. Naquele prédio havia também outro para alugar, no segundo andar, que possuía uma varanda, mas os do andar de baixo tinham uma pequenina área exterior, que ele imaginou que seria boa para ela. Eu agradecei-lhe interiormente por mais esta ajuda e entrei pela primeira vez no lugar que ia ser o meu lar durante vários anos.

A Tracy já me tinha dito que o apartamento estava mobilado, mas eu tinha imaginado algo mais «universitário», improvisado. Surpreendentemente, tinha tudo muito bom gosto. Móveis claros, um plasma pendurado na parede, uma estante (ainda vazia e que eu imediatamente decidi preencher com os meus DVD). A cozinha era muito pequena, mas tinha o básico. Fogão, frigorífico, micro-ondas e armários. Ao canto, havia uma porta que eu já imaginava que desse para a tal área exterior e, ao abrir, verifiquei que tinha razão, mas não era tão pequena como a Tracy dissera e

* Bem-vinda a casa!

percebi imediatamente porque é que ela concordara em prescindir da varanda... Certamente que ela já tinha planejado dar muitas festas naquele local! O espaço era todo relvado e havia uma mesinha, com algumas cadeiras. A um canto encontravam-se uma máquina de lavar roupa e um estendal.

Perguntei à Tracy quanto tínhamos exatamente de pagar pela renda, imaginando que seria uma fortuna, pois era tudo muito melhor do que eu tinha pensado. Ela sorriu e disse que estava feliz por eu ter gostado, mas que ainda tinha de conhecer o meu quarto. Tornei a perguntar o valor, mas ela apenas me disse para ficar descansada, pois, além de aquela área ser estudantil, eu ia ficar rapidamente *rica* com os meus filmes.

Limitei-me a abanar a cabeça, preocupada com o meu pai. Ele dissera que inicialmente pagaria a minha parte da renda, mas eu não queria sobrecarregá-lo! Já bastava a mensalidade da faculdade; a minha bolsa de estudos cobria apenas três quartos do valor.

Porém, quando ela parou em frente a uma porta e a abriu, toda a minha prudência desapareceu. Eu não podia viver em nenhum outro lugar. Era como se estivesse no átrio de um cinema, embora mais pequeno. A cortina era preta, como a de um teatro antigo e por todas as paredes e até no teto viam-se pósteres de filmes. De filmes que eu adorava. De filmes de *amor*...

Virei-me para ela e ela explicou-me imediatamente que o Christian achou que eu ia gostar daquilo e os dois tinham visitado vários estúdios, durante vários dias, até conseguirem todos aqueles cartazes. Lembrei-me imediatamente de que, anos antes, no que parecia até outra vida, quando nós ainda namorávamos, eu lhe dissera que sempre tivera vontade de decorar completamente o meu quarto com temas cinematográficos, mas que a minha mãe nunca o permitiria.

Mas agora aquele meu desejo realizava-se. Pela primeira vez, senti-me realmente a dona de um espaço. Aquele quarto, aquele apartamento inteiro era meu... Eu podia decorá-lo como quisesse, personalizá-lo completamente. E, pelos vistos, por mais que eu não gostasse da ideia, havia mais *alguém* disposto a ajudar-me a fazer com que aquilo acontecesse depressa. Alguém que não parava de tentar realizar cada uma das minhas vontades, até aquelas de que nem eu já me lembrava...